

## AS MANIFESTAÇÕES CAPITALISTAS NOS POEMAS “ENGOLI UMA LUTA DE FERRO E UM PARAFUSO CAIU NO CHÃO”

Luiz Fernando Pereira de Oliveira\*

### Introdução

A relação entre a sociedade e a literatura existe desde a Grécia Antiga, em especial com Aristóteles que considerava a arte como um “modo de imitação”, seja de forma grandiosa ou grotesca, no caso, o drama ou a comédia, as pessoas e os deuses e até chega a sentenciar “pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos” (2008, p. 42). Há um sentido na colocação do filósofo, pois, de certa forma, a literatura busca colocar aspectos humanos, sociais semelhante a uma imitação, mas a diferença é a sua colocação fictícia desse determinado ponto. Por meio da ficção, ou liberdade, o autor pode permear construtivamente por inúmeros pontos, assuntos e ensejos sem o pesar da tinta, pois este não tem o compromisso histórico com a verdade. Contudo, ao colocar a sociedade em seus textos, livros, romances, poemas, etc. o autor nos revela uma estrutura que pode ser abordada e trabalhada. Greog Lukács aborda em seu livro *Introdução a uma Estética Marxista* os aspectos de formação das questões humanas por meio da arte e como isso abarca no limitar histórico. Evidentemente, o autor percebe os limites destes por meio da variabilidade infinita da sociedade e o limite delimitado pelo viés literário. Contudo, vale ressaltar a citação de Lukács que diz:

ss propriedades humanas típicas conservadas pelo próprio desenvolvimento histórico serão, por isso, muito mais numerosas do que as mantidas vivas nas representações artísticas. A durabilidade dos tipos criados pela arte, portanto, tem uma base objetiva na própria realidade, mas a possibilidade de que os tipos figurados nasçam e durem decorre de sua própria atividade (LUKÁCS, 1978, p. 288).

Em suma, o sociólogo húngaro parece discorrer e argumentar sobre a existência de uma produção artística que vem sendo colocada ao decorrer da história e que nos salta, em seus períodos, ao ponto que essa ganha mais ou menos importância no desenrolar e desenvolvimento histórico. Com o passar do tempo, clássicos podem ser substituídos, autores modificados, novos livros alçados ao patamar de clássico e artistas sendo considerados canônicos de início ou no decorrer do tempo. Essa produção artística abre possibilidades na análise e nas variadas formas que podem ser concebidas a análise de um determinado processo artístico. Como aponta Goldmann,

---

\* Graduado em Letras e mestrando em Sociologia/Universidade Federal de Goiás-UFG.

com efeito, o universo do romance clássico tem uma estrutura relativamente homóloga à que regeu o universo da vida cotidiana dos homens no setor econômico onde ele é, também, tematicamente dominado pelo único valor evidente e universal da economia liberal: a autonomia do indivíduo e o seu desenvolvimento. Porém, a partir desta base comum, a evolução da obra e da sociedade é feita em direções divergentes, e a obra se torna não a expressão do grupo social, mas a de uma resistência a este grupo ou, pelo menos, da não aceitação deste. (GOLDMANN, 1972, p.68)

Essa observação de Goldmann sobre as estruturas homólogas muito se assemelha com o olhar de Aristóteles, essa definição e imitação e, como observa Marx, “(...) só sabiam apreender como realidade das forças humanas essenciais e como *atos genéricos humanos* a existência universal do homem, a religião ou a história na sua essência abstratamente universal, como política, arte, literatura etc.” (2012, p.113) portanto, não é somente colocar como atos genéricos ou uma imitação, era preciso, também, apresentar a essência humana, as questões expressivas a essas, suas contestações, valores e questões, partindo da ótica marxista, um olhar para a superestrutura, pois, como diria Eagleton, “é verdade que a literatura faz parte da superestrutura, mas ela não é apenas um reflexo passivo[...]” (2011, p.24); nisso o avanço de Goldmann em perceber que a literatura não será somente reflexo ou imitação, um mero reprodutivo da sociedade. Isso se deve, dado os limites, pois a sociedade grega se fazia representada, ao menos rasamente, por meio de suas peças como uma exaltação, uma imitação sublime de seus valores, ética, religião e representação.

**A exclusão dos escravos**, servos entre outros como meros partícipes narrativos de reconhecimento ou cuidadores era bem evidente e entendido como uma não expressão da visão destes sobre a sociedade grega, afinal, eles não cidadãos. A contemporaneidade extrapola esse sentido, o escritor é um desajeitado, um ser perdido em suas quimeras e desejos e na falta, faz o preenchimento com a arte. Esta pode ser a busca de algo, uma crítica sobre valores, um prenúncio, um desejo etc. A grande diferença é que esta, a produção literária promovida pelo autor se dá pelo olhar subjetivo, seja pela narrativa ou até mesmo a lírica. Aliás, a lírica promove um papel importante como já ressalta o filósofo Theodor Adorno em seu livro *Notas de Literatura I* que apresenta os estudos de literatura, principalmente a lírica e a sociedade que nas palavras de filósofo são,

As forças objetivas que impelem para além de uma situação social limitada e limitante, na direção de uma situação social digna do homem; forças, portanto, que fazem parte de uma constituição do todo, não meramente da individualidade inflexível, que se opõe cegamente à sociedade. Se, em virtude de sua própria subjetividade, pode-se falar do teor lírico como sendo objetivo – caso contrário não seria possível explicar o simples fato que fundamenta a possibilidade da lírica como gênero artístico; seu efeito sobre outros que não o poeta em monólogo consigo –, isso só ocorre se a obra de arte lírica, ao retrair-

se e recolher-se em si mesma, em seu distanciamento da superfície social, for motivada socialmente, por sobre a cabeça do autor. (ADORNO, 2012, p.74)

A colocação de Adorno apresenta a capacidade das ideias circularem em nossa sociedade, pois não são estáticas. Assim como não são estáticas as pessoas e estas andam por vários pontos e absorvem inúmeras ideias, conceitos, olhares e situações que as marcam socialmente e sensivelmente. A sensibilidade junto da formação deste em meio ao processo da superestrutura que compõe a sociedade, neste caso a escola como formador no que tange o desenvolvimento cognitivo dentro do capitalismo. O autor passa a conviver com inúmeras formas e conteúdos e assim, faz uso deste para perpassar a sua visão, ela desajeitada, perdida, desconfiada e alheia do sedutor discurso promovido pela sociedade. Por outro lado, esse não encaixe pode promover um sofrimento pela sedução discursiva promovida pela sociabilidade do capital e encontra na expressão das palavras um alívio para tamanho dor. Como apresenta Goldmann,

A forma extremamente complexa que representa na aparência é aquela em que os homens vivem todos os dias, uma vez que são obrigados a procurar toda a qualidade, todo o valor de uso, de um modo degradado, pela mediação da quantidade, do valor de troca, e isso numa sociedade onde todo o esforço para se orientar diretamente no sentido do valor de uso não teria outro resultado senão engendrar indivíduos também degradados, mas de um modo diferente – o do indivíduo problemático (GOLDMANN, 1979, p. 18).

O indivíduo problemático só se apresenta no capitalismo, onde este é apresentado a uma narrativa subjetiva, valorizando os seus desejos, visões e ações, contudo, aqueles que não se encaixam, aí o problemático, acabam por demonstrar as mazelas, o desencanto, as amarguras e as dores de viver. Nisto, algumas situações são apresentadas a este, ora o encaixe nessa sociedade por meio do trabalho, um convite submisso que degrada sua existência.

### **As Manifestações Capitalistas nos poemas Engoli uma Luta de Ferro e um Parafuso caiu no chão**

O capitalismo é o modo de produção consolidado e dominante atualmente no mundo. Mesmo com algumas formas distintas, o capitalismo segue regendo as relações econômicas e sociais por meio de organização. A observação dessa forma vem anterior ao processo capitalista como se observa nessa passagem,

O puritano quis trabalhar no âmbito da vocação; e todos fomos forçados a segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora das celas monásticas e introduzido na vida quotidiana e começou a dominar a moralidade laica, desempenhou seu papel na construção da tremenda harmonia da moderna ordem econômica. Esta ordem está hoje ligada às condições técnicas e

econômica da produção pelas máquinas, que determina a Vida de todos os indivíduos nascidos sob este regime com força irresistível não apenas os envolvidos diretamente com a aquisição econômica. (WEBER, 2004, p.86)

Essa manifestação de ordem foi o delimitar de uma nova forma e assim, dar uma valoração mais intensa à técnica e a ordem econômica frente ao indivíduo dando-lhe maior importância à subjetividade como observa Sartre, “a subjetividade é um fenômeno evanescente: não uma estrutura nem uma essência, mas um momento, e momento que, quase de imediato, vai perder-se de novo na objetividade, no mundo e na ação no mundo.” (2015, p.70), logo, a vazão subjetiva do indivíduo passa a trabalhar em prol do objetivo capitalista e isso reflete na produção, regimento e disciplina.

Como efeito da organização e da sistematização do pensamento, a disciplina faz parte do processo racional do ser humano. Sem a disciplina, a espécie humana estaria fadada a condições mais difíceis para sua sobrevivência, pois é dada a essa disciplina que a produção, a sobrevivência e a existência se fizeram mais fáceis. Em um exemplo mais tranquilo, a disciplina em caçar, pescar para alimentação, organização de rotinas ou exercícios trazem benefícios ao praticante dessa seja de forma mais rápida ou demorada dada a necessidade dessa. Contudo é no processo de formação pré-capitalista e posteriormente no capitalismo, a disciplina ganha uma distinção, um processo de coerção e ação que beneficie o colono ou o burguês. O historiador Edgar de Decca em seu livro *O Nascimento das Fábricas* aponta que o uso da disciplina que seria implantada nas fábricas europeias já se encontrava em solo brasileiro,

a disciplina requerida e legitimada por um *código* não poderia resolver totalmente o problema da integração do escravo na economia do engenho, uma vez que a coerção só poderia se dar para a execução de tarefas reconhecidamente possíveis de serem realizadas por escravos considerados boçais ou ladinos. Era preciso, portanto, que através de uma relação de extrema autoridade (as penalidades previstas no código) o escravo introjetasse uma disciplina de rotina de trabalho na execução de tarefas de produção e outras complementares à vida do engenho. Em outros termos, era preciso submeter o escravo ao cumprimento de tarefas consideradas rotineiras no engenho e mensuráveis quantitativamente. E, por isso mesmo, a produtividade do trabalho escravo era decorrente da eficaz aplicação do controle disciplinar, esteve sim o elemento capaz de garantir que o *sistema* não desmoronasse. (DECCA, 1982, p.53)

Com a diminuição da força repressiva colonial, os movimentos de independência, constituição nacional e os avanços nas técnicas pelos meios de produção, a escravidão como forma de trabalho e mercadoria chegaria ao fim. Isso, evidentemente, não se deu somente pelo desejo humanista que se desenvolvia nas em algumas pessoas ao passar do tempo, mas também, em muito, pelo desenvolvimento e consolidação do modo de

produção capitalista que devolvia uma capacidade ilimitada à mercadoria, valores de troca a quem produzia e situações precárias aos submetidos nessa nova lógica de organização e disciplina. Isso trouxe novos desafios e controles a serem estabelecidos e para tal, o operário passaria a ser um instrumento substituído por outro dada a grande mão-de-obra junto ao aumento considerável da demanda trabalhista. A essa nova realidade, o desencanto, a degradação, a miséria e o sofrimento foram se somando como constatou Bresciani “A questão da multidão amotinada se coloca de maneira bastante diversa no século XIX. Aqui, os parisienses, orgulhosos de sua civilização, temem as depredações e o constrangimento dos espetáculos das multidões famintas(...)” (1982, p.108).

O temor de uma população esfomeada levou a certos avanços do capitalismo que se aventurou na África e na Ásia e desenvolveu mais o seu sistema para ofertar acessos a bens e ao consumo, respondendo ao temor malthusiano de escassez alimentícia. O desenvolvimento capitalista gerou uma expansão de exploração a outros povos e um alívio aos países que enfrentavam ondas mais fortes de acesso aos produtos e melhores condições de trabalho. As relações são sentidas na contemporaneidade por meio do projeto neoliberal que organiza o estado, a produção, o consumo e passa realizar uma modificação nas relações de trabalho por meio da globalização, produzindo onde for mais barato a mão-de-obra e menos dificultosa as leis trabalhistas como colocado nesse trecho,

O aumento do exército industrial de reserva também está incluído neste processo, que denominamos “lumpenproletarização”, é resultado tanto da política neoliberal quanto da reestruturação produtiva que tem o efeito de aumentar a competição pelo mercado de trabalho e fazer crescer fenômenos como xenofobia, miséria, violência, e, o que é do interesse do capital, pressionar os salários para baixo. (...) Assim, a nova dinâmica do capitalismo mundial se fundamenta na busca de aumento da taxa de exploração. (VIANA, 2009, p.103)

Esta referência e modificação na dinâmica capitalista pode ser percebida no poeta chinês Lu Xizhi, mais precisamente, nesse trecho “Engoli uma lua de ferro/ disseram-me que era um parafuso/ Engoli resíduos industriais e fichas de desemprego” (p.18) onde o autor apresenta os problemas relacionados à exploração desenfreada e a forma destrutiva promovida pelo neoliberalismo que aniquila e modifica relações de trabalho ao redor de si. A pobreza encontrada na Europa do século de XIX com trabalhadores famintos por comida e mudanças também reverbera em outra passagem “engoli trabalho, engoli pobreza/ engoli as pontes dos peões e uma vida enferrujada” (p.18), a sua mudança tem outro ponto interessante, pois se em outro momento de maior exploração e pobreza do

capitalismo onde se viam famílias entregues ao maquinários formando uma prole robusta entregue as exaustivas horas de trabalho no caso do poema são “jovens que morreram debruçados sobre máquinas” (p.18). Neste ponto, a morte em meio as horas exaustivas em fábricas que produzem para todo o mundo levam a um questionamento acerca dos problemas psíquicos que se produzem em nossa sociedade.

As questões psíquicas percebidas por meio patológico ganharam no capitalismo a análise de muitos estudiosos e inúmeras teorias e perspectivas foram lançadas para compreender e tratar tais doenças. Freud, o pai da psicanálise, será utilizado no artigo para um estudo maior da amplitude desses problemas, pois soube entender o processo residual e inconsciente referente as patologias acerca do trabalho. Para estabelecer uma colocação referente ao artigo, será tratado os conceitos de luto e melancolia. Freud busca diferenciar os processos que são enfrentados pelo ser humano, distinguindo o tempo em que eles atuam na vida do indivíduo.

O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas — que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica — sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto. (FREUD, 2006, p.103)

Nesse conceito de luto, o autor compreende a naturalidade e como este atua no ser. Um ciclo que se encerra e que, aos poucos, se substitui por outras sensações e constituição do ser. Mas que se não for bem resolvido ou compreendido pode gerar uma patologia que se estende pelo ser. Neste caso o que seria luto torna-se melancolia.

A melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-si. Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido. (FREUD, 2006, p.103)

No conceito de melancolia, Freud descreve a patologia melancólica e como ela atua no ser, atenuando seu crescente estado de dor em sensação da culpa, que leva a uma consequência: a demanda de punição. Essa demanda tem caráter de delírio que conduz à criação de sentidos que provoquem remorso, cobranças e a incapacidade nas situações por parte do ser. Neste ponto, o trecho de Lizhi se faz presente “Não consigo engolir mais nada/ porque tudo o que engulo me volta à boca”(p.18), a essa parte vale ressaltar a melancolia do eu lírico frente as seguidas repetições no seu ato de engolir, pois ao descer garganta abaixo se sente abarrotado, mesmo com a ausência de saciedade daqueles que provocam e insistem na deglutição promovida, logo, um alimento do capitalismo

contemporâneo que realiza uma extensa exploração do trabalhador e assim, provocando sua desumanização. Uma dessas formas que fora amplamente estudada no século XIX foi o suicídio. Um dos grandes pensadores da sociologia, Durkheim, dedicou um livro sobre o assunto e analisar como isso é uma questão acerca da sociedade capitalista. Para o sociólogo francês apresenta variadas formas relacionados ao suicídio para delimitar o artigo será tratado uma das formas, o suicídio melancólico,

Está ligado a um estado grave de extrema depressão, de tristeza exagerada, que faz com que o doente já não aprecie sadicamente as relações que têm com ele, as pessoas e as coisas que o cercam. Não sente nenhuma atração pelos prazeres, enxerga tudo sombrio. A vida lhe parece aborrecida e dolorosa (DURKHEIM, 2000, p.41)

Contudo, a citação de Durkheim não abarca as causas que levam a tal estado, apresentado este como dado e manifestado. Logo, a pessoa para chegar ao estado de suicídio precisa de estímulos que encontram desejos em condições materiais para tal, em suma, a sua vida precisa ter razões para que a saída seja se matar. Assim faz sentido pensar que muitas pessoas comentem atos pela sensação de perda, impotência, medo, insegurança e vários fatores que afetam psicologicamente o ser humano. Neste sentido, vale ressaltar a citação de Marx que pensa o suicídio como,

Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas. As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável.(MARX, 2006, p.24)

Para Marx, o suicídio na sociedade capitalista possui inúmeras fontes para se chegar ao ato final, em suma, a morte. A pobreza, a miséria e a exploração que são derivados da luta de classes, veem o seu ápice na desumanização e desesperança completa por parte do trabalhador. “ninguém notou, / tal como da última vez, /numa noite como esta/ quando alguém tombou no vazio.” (p.19), assim demonstrando a insensibilidade frente a questão por parte da empresa capitalista, preocupada com a produção. Um processo insensível que parte pela detestável experiência da exploração contemporânea que encontra no neoliberalismo, a sua faceta mais profunda e desumanizante em que a precarização e a destruição frente ao prazer são substituídas por árduas horas de trabalho, pois há muita mão-de-obra disponível, um barateamento desta e leis trabalhistas

enfraquecidas e, junto a isso, patologias diversas provocadas pelas horas de trabalho e a miséria que fazem o trabalhador optar pelo fim da agonia desta por meio do suicídio e, mesmo se submetendo, a angústia e o sofrimento são crescentes e a dor acaba sendo sentida nos tantos nas metáforas do versos como na vida destes.

### **Considerações Finais**

O artigo empenhou uma discussão acerca das manifestações capitalistas tanto historicamente quanto na contemporaneidade. Evidentemente, o artigo pautou delimitar o tema por meio da literatura e tratou de reduzir as manifestações do capitalismo a alguns pontos que pudessem ser trabalhados na análise. É de se saber que, o capitalismo, possui inúmeras manifestações que podem ser recorrentes, novas ou até esquecidas e, como sistema vigente e plástico, ainda poderá produzir inúmeras outras que justifiquem sua reprodução e hegemonia. A crítica pautada no modelo neoliberal e também em outros momentos históricos, demonstra que a exploração e a luta de classes são a exegese de sua sociabilização e que isso resulta em afetar tanto as condições de trabalho, relações psíquicas – individuais e sociais –, sobrevivência e existência tendo em alguns casos, como trabalhado na análise, o suicídio como uma saída. A outra forma, a submissão, parece ser a mais adotada pela grande maioria, talvez pela preservação da vida – por preceitos religiosos ou éticos –, ou, pela crença em uma mudança na vida deste. Cabe pensar que se há uma mudança, ela deve ir para um caminho que não seja o abraço ao capitalismo, pelo contrário, deve ser a negação deste e a sua superação por um viés revolucionário e isso só ocorrerá quando os trabalhadores se unirem e assim, unidos a depressão, a miséria e o suicídio sejam trocados por amor, abundância e fraternidade.

### **Referências**

- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura 1**. São Paulo: 34, 2012.
- ARISTÓTELES. **A Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BRESCIANI, Maria. **Londres e Paris no Século XIX - O Espetáculo da Pobreza**. São Paulo: Brasiliense: 1982.
- DECCA, Edgar de. **O Nascimento das Fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia 1915–1917”. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. São Paulo: Paz & Terra, 1990.
- MARX, Karl. **Cultura, arte e literatura: Textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MARX, Karl. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

LIZHI, Xu. “Um Parafuso Caiu no Chão” e “Engoli uma Lua de ferro”. In **Um Parafuso Caiu no Chão**. 2014.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a Uma Estética Marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é Subjetividade?**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

VIANA, Nildo. **Capitalismo na Era da Acumulação Integral**. São Paulo: Idéias & Letras, 2009.

WEBER, Max (2004). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

**Resumo:** O artigo trabalhará sobre as manifestações capitalistas na análise dos poemas de Xu Lizhi. O poeta chinês, que foi trabalhador em empresas do ramo tecnológico, apresenta a degeneração, a dor, o sofrimento e angústia mediante a crescente exploração permeada pelo capitalismo. Para tamanha ocorrência de eventos, o artigo utilização em sua análise, alguns autores com arcabouço teórico que façam sustentar as análises e apresentar pontos de vista e discussões entre o processo contemporâneo e histórico que ocorrem no sistema capitalista. Logo, a intenção é fazer uma análise que discuta problemas sociais e individuais que levam o trabalhador a submissão ou ao suicídio como resposta para o sofrimento que lhe é acometido. Ao fim da análise caberá as considerações finais referentes ao desenvolvimento da análise e do que foi apresentado no decorrer da discussão e, por fim, as referências utilizadas no artigo.

**Palavras-chave:** Sociologia, Poema, Capitalismo.